

As interações sociais e a constituição da felicidade no filme “Na Natureza Selvagem” (2007)

Bianca Bahia Marques¹, Brenda Martins Pereira², Ladine Nicole Franz³

¹⁻³Graduandas de Psicologia, Departamento de Psicologia, Universidade Federal de Santa Catarina

Resumo

A felicidade é, atualmente, vista como uma obrigação social por uma considerável parte da sociedade. Juntamente com isso, o discurso sobre as causas da felicidade ainda permanece muito sob domínio de empresas, que associam seus produtos com o sentir-se feliz. Nesse sentido, esse trabalho pretende trazer essa discussão para o campo da Psicologia, utilizando o filme “Na Natureza Selvagem” como base para entender qual a relação desse estado de espírito com as interações sociais. O objetivo do presente artigo é caracterizar o que é felicidade e identificar a importância das interações sociais para a constituição dessa emoção, para, enfim, discutirmos sobre a reflexão da frase “a felicidade só é real quando compartilhada”. Para a realização dessa análise, utilizou-se estudos sobre diferentes perspectivas sobre o que é felicidade e, também, sobre como e por que as interações sociais podem interferir na constituição dessa emoção. Além disso, analisamos o contexto social inicialmente citado, da felicidade como uma obrigação. Ainda, utilizamos as expressões faciais básicas descritas por Ekman como categoria de análise. Concluímos que os acontecimentos do filme estão de acordo com o que encontramos na literatura, indicando que o contato social é uma variável muito importante para a constituição da felicidade.

Palavras-chaves: felicidade, interações sociais, psicologia, emoções

Introdução

Segundo Vygotsky (1991), o homem possui natureza social pois já nasce envolto de estímulos, costumes e interações, as quais compõem uma cultura da qual ele faz parte e da qual encontra-se à mercê de influências sociais, econômicas e históricas que a constituem. Conforme a perspectiva vygotskyana, é durante a infância que o sujeito gradativamente se apropria dos significados transmitidos a ele pelos adultos a respeito dos elementos que o cercam e, também, de suas próprias ações (Brabo & Rossetto, 2009). Dessa forma, esse sistema simbólico apreendido pelo sujeito de maneira sócio-histórica se torna a ferramenta psíquica para que ele seja capaz de vivenciar e expressar aquilo que chamamos de subjetividade.

Uma definição plausível para subjetividade é a de que ela se trata daquilo que há de abstrato no sujeito (Amatuzzi, 2006), o que inclui as significações dadas para os estados emocionais experimentados. Um dos estados emocionais que mais possui questionamentos a respeito de sua significação e, portanto, de suas origens, é a felicidade, que, tal qual os conceitos existentes no mundo dos homens, possui sentidos construídos socialmente. Através da perspectiva vygotskiana mencionada recentemente, podemos inferir que o que entendemos como felicidade é um conceito construído de forma sócio-histórica e que, portanto, já existe uma relação inicial de interdependência entre o meio social e a constituição dessa ideia.

Neste trabalho buscaremos entender que outras relações existem entre a felicidade e o meio social. Nossa decisão de abordar esse tema se deve ao fato de vivermos em uma sociedade capitalista que promove constantemente propagandas e representações midiáticas e culturais que associam a felicidade ao ato de consumir e, por conta disso, entendemos que é papel da psicologia questionar esse discurso e promover uma discussão mais aprofundada sobre o tema. Além disso, em nossas pesquisas percebemos que a psicologia tradicional desde seus primórdios se ocupou especialmente em tratar das patologias. Porém, recentemente o cenário vem se modificando, com o surgimento, por exemplo, da psicologia positiva, que aparece com o intuito não de ignorar as mazelas da psique humana, mas sim de enfatizar os ditos “sentimentos positivos” (Graziano, 2005).

Por fim, para realizarmos essa tarefa, iremos analisar o filme “Na Natureza Selvagem” (2007), que é muito conhecido pela frase “a felicidade só é real quando compartilhada”. Dessa forma, faremos uma fundamentação teórica a respeito de algumas diferentes conceitualizações para o significado de felicidade e a sua relação com as interações sociais, explicando também as emoções básicas de Paul Ekman utilizadas para analisar o

filme. Observando, por fim, a veracidade ou não que a frase principal do filme carrega, através da análise das cenas e sua interlocução com a literatura abordada.

A felicidade e suas causas

A felicidade é um tema que, desde o início da vida na Terra, se faz presente nos questionamentos da mente humana (Harari, 2015). Para além de questionar o que é a felicidade, o homem busca incessantemente alcançá-la. Para alguns, a felicidade é um estado emocional a ser conquistado, e o qual não permite retornar ao estado emocional anterior. Para outros, a felicidade se apresenta em diversas situações, sendo uma sensação passageira e momentânea.

Ferraz et al. (2007), em sua revisão sobre o que é a felicidade, a definem como “um estado emocional positivo, com sentimentos de bem-estar e prazer” (p. 236), e acrescentam que inúmeras experiências vividas pelo indivíduo podem lhe gerar felicidade, como: vivenciar o amor, a segurança, a liberdade, a saciedade, a saúde e a alegria. Além disso, os autores colocam que emoções como “tristeza, medo, raiva e nojo, além de estados afetivos como ansiedade, angústia, dor e sofrimento, costumam diminuir a felicidade” (Ferraz et al., 2007, p. 236) - a psicologia positiva por sua vez coloca tais emoções como “sentimentos negativos” (Graziano, 2005). Ademais, tanto pesquisadores atuais como filósofos antigos chegaram a uma mesma conclusão: sentir-se feliz ou vivenciar a felicidade como um estado de espírito está muito mais relacionado à visão do indivíduo sobre os acontecimentos da sua vida do que aos acontecimentos como fatos externos em si (Harari, 2015).

Sobretudo, a sociedade capitalista parece ter a crença de que a felicidade está intimamente ligada ao poder aquisitivo. Estudos apontam que pessoas muito pobres, ao terem acesso a uma renda maior, realmente mostram uma crescente significativa nos níveis de felicidade. Porém, a partir de um certo nível de riqueza, esse fator não influencia mais tanto nos resultados encontrados sobre os níveis de felicidade (Diener & Biswas-Diener, 2002 como citado em Passareli & Silva, 2007). Os autores Ferraz et al. (2007) também trazem esse dado em seus estudos, colocando que o aumento do poder aquisitivo não representa necessariamente o aumento da felicidade sentida pelo sujeito - superado, é claro, um limiar de subsistência: água, comida e saneamento básico.

Ademais, algumas pesquisas apontam que os maiores índices de felicidade se encontram muitas vezes relacionados ao envolvimento do indivíduo com a fé, através da religiosidade ou da espiritualidade (Ferraz et al., 2007). Como explicam os autores:

Enquanto a religiosidade pressupõe um sistema organizado de crenças e de práticas ritualísticas, a espiritualidade consiste numa busca pelo significado da vida e pelo estabelecimento de uma relação com o sagrado e o transcendental, sem necessariamente passar pelo desenvolvimento de práticas religiosas ou da participação numa comunidade [...] a espiritualidade provê um sentido e um propósito para as vidas das pessoas, respondendo a uma série de questionamentos existenciais que comumente levam à angústia e à infelicidade. O segundo motivo é que, ao participarem de ritos em que há uma congregação de fiéis, os religiosos tendem a sentir-se menos solitários, e talvez por isso mais felizes. (Ferraz et al., 2007, p. 237).

Ainda, é importante ressaltar que devido à dificuldade encontrada por pesquisadores ao tentar definir o que é a felicidade, preferiu-se em muitos estudos utilizar o termo “bem-estar subjetivo”, como substituto ou sinônimo do termo (Ferraz et al., 2007). Como diz a simbólica frase de Sêneca, 262 a.C, “Toda gente deseja uma vida feliz; mas quando se trata de ver claramente aquilo que a torna assim, é a confusão total” (Graziano, 2005, p. 35).

Nesse sentido, é interessante acrescentar ainda que a psicologia positiva é uma abordagem que utiliza muito desse termo “bem-estar subjetivo”, pois acredita que não existe felicidade se não aquela percebida de forma subjetiva pelo indivíduo. De acordo com a mesma, a gratidão, a resiliência e as forças pessoais são elementos que, quando bem desenvolvidos, levam os indivíduos a sentir felicidade ou bem-estar subjetivo com mais facilidade (Graziano, 2005).

Interações sociais e a sua relação com a felicidade

Como afirma Harari em seu livro *Sapiens* (2015), muito antes de haver história, havia seres humanos. Caçadores-coletores que viviam em grupo e que possuíam características muito parecidas com as da sociedade atual: “mães ansiosas acariciando seus bebês e bandos de crianças despreocupadas brincando na lama; jovens temperamentais rebelando-se contra as regras da sociedade e idosos cansados que só queriam ficar em paz ...” (Harari, 2015, p. 12). Dessa forma, podemos observar que desde o início da vida do ser humano na Terra, ele já interagia e estabelecia relações com outras pessoas em suas atividades diárias.

Também segundo Harari (2015), o fato de os humanos nascerem prematuramente faz com que ele necessite de um cuidado parental muito intenso nos primeiros anos de vida. Dessa forma, mulheres com bebês pequenos dificilmente conseguiriam obter comida sem a ajuda do grupo e, por conta disso, seres humanos geneticamente mais propensos a estabelecer boas relações sociais possuem maior probabilidade de prosperar. Além disso, a condição

social dos seres humanos também foi o que possibilitou o desenvolvimento de uma linguagem complexa, a qual nos permitiu conquistarmos uma condição diferenciada em relação a outros seres vivos.

Nesse sentido, é válido retomar a perspectiva sócio-histórica de Vygotski para reforçar a natureza social do homem inicialmente introduzida. Para o intelectual russo, o pensamento e a linguagem possuem origens distintas e só depois se vinculam, justamente através da vivência social (Oliveira, 1993). Inicialmente, os bebês podem se comunicar por meio do choro, mas essa se trata de uma comunicação ainda não vinculada com o pensamento por não ser realizada através de signos. Da mesma maneira, crianças em fase pré-verbal conseguem ter ações que demonstram uma inteligência prática para lidar com certos imprevistos impostos pelo meio ambiente, utilizando-se de uma operação intelectual desvinculada do pensamento. É somente através da apropriação de instrumentos da atividade psicológica (denominados de signos) que a trajetória da linguagem se une com a do pensamento (Oliveira, 1993).

Tais instrumentos não são criados por cada indivíduo, mas, sim compartilhados socialmente e repassados de geração a geração. Isso significa dizer que os signos são obtidos por um processo sócio-histórico, ou seja, que eles são fornecidos pela cultura. Esses signos apreendidos por meio da socialização possibilitam que o ser humano consiga fazer operações mentais com objetos que ele não possui no presente momento, utilizando apenas suas ideias representantes. Vygotsky denomina isso de discurso interior e é através desse mecanismo que somos capazes de elaborar nossas visões de mundo, de aprender novas habilidades e, enfim, significar os acontecimentos de nossas vidas (Oliveira, 1993).

Nesse sentido, visto que o desenvolvimento humano depende em grande parte das interações sociais e que em um contexto social o indivíduo interage o tempo todo (Vygotsky, 1991), entende-se que a percepção que o sujeito tem de suas emoções, como a alegria, o medo, a raiva, a surpresa, o nojo e a tristeza advêm, em grande parte, do contato com outros seres humanos. É válido destacar que animais também são capazes de sentir emoções e comunicá-las através das expressões faciais (Galvão, 2001). Porém, somente o ser humano é capaz de dar a elas algum significado. Nessa perspectiva, o ato de sentir uma emoção não é algo aprendido de forma sócio-histórica - um bebê cego, por exemplo, é capaz de sorrir mesmo sem nunca ter visto alguém realizando essa expressão facial (Ferreira & Del Prette, 2011), mas sim através das significações compartilhadas a respeito de determinada emoção (Thalman, 2004, como citado em Silva, 2016).

De acordo com as ideias apresentadas, será que o ser humano é capaz de alcançar níveis consideráveis de felicidade estando em um contexto extremamente solitário e isolado de interações sociais? Primeiramente, como já dito, a felicidade sentida por um sujeito diz sobre a forma que ele interpreta os acontecimentos da sua vida, e não sobre o juízo de valor socialmente atribuído ao acontecimento em si. Dessa forma, entende-se que as crenças e predisposições psicológicas do indivíduo tem um papel crucial na experiência da felicidade (Harari, 2015). Corroborando essa ideia, a pesquisadora Graziano, em sua tese sobre a felicidade na visão da psicologia positiva, afirma que: “o bem-estar subjetivo sentido pelo sujeito é fortemente influenciado por disposições de personalidade estáveis que refletem a tendência do indivíduo ao reagir cognitivamente e emocionalmente em relação às circunstâncias da vida” (Graziano, 2005, p. 42).

Além disso, estudos mostram uma relação significativa entre o sentimento de felicidade e as interações sociais. Os pesquisadores Diener e Seligman (2004, como citado em Passareli & Silva, 2007) evidenciaram em seus estudos experimentais que, quando um indivíduo não está inserido em algum grupo social ou quando têm relações pobres dentro do grupo em que está, ele tem perdas emocionais significativas. Diener e Seligman verificaram então, que participar de grupos sociais favorece significativamente o desenvolvimento da felicidade na vida do sujeito. O filósofo Aristóteles (384 a.C), por exemplo, acreditava que a felicidade só seria atingida através do desenvolvimento das virtudes juntamente com o desenvolvimento da vida em sociedade. Bertrand Russel, por sua vez, relacionava a felicidade com a importância de o homem estar integrado à sociedade também, buscando ao mesmo tempo o bem estar do outro e o seu próprio (Graziano, 2005).

O primeiro estudo sobre pessoas “muito felizes” da literatura, feito por Diener e Seligman (2004), comparou os 10% de alunos mais felizes (em um grupo de 222 estudantes) com a média de alunos mais infelizes. Constataram, então, que as pessoas muito felizes eram bastante sociáveis, com relacionamentos interpessoais e românticos mais fortes do que as pessoas “menos felizes”. Dentre as variáveis testadas, observaram que nenhuma, de forma isolada, foi suficiente para o sentimento de felicidade. No entanto, a variável de boas relações sociais mostrou-se necessária para a constituição do bem-estar subjetivo do sujeito (Ferraz et al., 2007).

Harari também discute a felicidade trazendo: “Pessoas com famílias coesas que vivem em comunidades unidas que lhes dão apoio são significativamente mais felizes do que pessoas cujas famílias são disfuncionais e que nunca encontraram (ou nunca buscaram) uma comunidade da qual fazer parte.” (Harari, 2015, p. 392).

A felicidade como obrigação na sociedade pós-moderna

A era pós-moderna é caracterizada por apresentar uma estrutura social que possui o capitalismo e o consumismo exacerbado como seus pilares, e por apresentar uma dinâmica de funcionamento regida por estes ideais, a partir disso se concretiza a substituição do lugar de ênfase na sociedade do “ser” para o “ter” (Magalhães & Silva, 2019). Então, a pós-modernidade, influenciada pelo sistema capitalista, é marcada pela associação entre o ato de consumir e a felicidade, na qual o sujeito conquista e constrói sua felicidade a partir de seu consumo.

O consumo e a busca pela felicidade, atualmente, se declaram para além da conquista de bens materiais e produtos, tendo como foco também a conquista de experiências e diversões momentâneas (Magalhães & Silva, 2019). Na sociedade pós-moderna, surge uma nova categoria de consumo que se relaciona às vivências individuais dos sujeitos nas diferentes áreas da vida, como por exemplo, a comercialização de lazer (como o turismo ou ir a um cinema), a prática de exercícios físicos, ou até mesmo o consumo das psicoterapias.

Segundo Magalhães e Silva (2019), o avanço tecnológico e urbano presente na sociedade, desde a modernidade até os dias de hoje, tem acontecido de forma rápida e possibilita a concretização de uma vida com maior qualidade e bem-estar, pelo fato de o sujeito estar amparado o tempo todo de inúmeras possibilidades de saciar seus prazeres, devido às numerosas ofertas existentes no cenário capitalista pós-moderno - lembrando que essa é uma realidade de fácil acesso para uma determinada parcela da população mundial composta por pessoas com condições financeiras estáveis e relativamente ricas. Então, a partir dessa possibilidade de desenvolvimento de um confortável e abundante estilo de vida, também se vê possível a construção, pelo sujeito, de sua felicidade, esta conceituada por Freud como a busca por desfrutar de todo o prazer disponível e evitar simultaneamente o desprazer e a dor (Inada, 2011).

Diante de todo esse cenário atual de infinitas oportunidades, Magalhães e Silva (2019) constatam que a sociedade se vê com uma latente preocupação social em ser feliz, já que todo prazer é possível e alcançável e, acima de tudo, deve ser alcançado. Essa preocupação se constrói em um ambiente que não abre espaço para a existência de infelicidade e sofrimento na vida dos sujeitos, e para a discussão sobre estes sentimentos e subjetividades. Portanto, de acordo com essa lógica, não há necessidade de alguém ser infeliz em um meio que está sempre oferecendo várias alternativas para a extinção do sofrimento e do desprazer, e para a promoção de prazer e bem-estar imediato, como por exemplo, as várias opções de consumo.

Desse modo, a felicidade pós-moderna, que se apresenta como uma norma hegemônica que rege os comportamentos, provocou uma transformação psíquica nos sujeitos da pós-modernidade. De acordo com a teoria psicanalítica do funcionamento do aparelho psíquico, há três instâncias que interagem e constituem a psique humana: o Id, o Ego e o Superego. No caso da mudança psíquica comentada, a busca pelo prazer (este constituinte da felicidade) deixa de ser apropriada pelo Id (que consiste na parte do aparelho psíquico relacionada aos desejos, impulsos e instintos) e passa a ser apropriada pelo Superego (que consiste na parte do aparelho psíquico relacionada à moral, aos valores e às obrigações sociais) desenvolvendo assim uma crença de obrigatoriedade social de ser feliz no sujeito (Magalhães & Silva, 2019).

Essa crença desenvolvida pela psique do sujeito acaba por gerar uma contradição, pois no momento em que o indivíduo não consegue alcançar o padrão de felicidade estabelecido pela sociedade ele desenvolve um sentimento de culpa e de auto insatisfação de forma crescente, já que esse padrão se apresenta como inalcançável, e isso conseqüentemente acarreta a perda da própria felicidade da qual ele busca incessantemente. Portanto, a felicidade se apresenta como um paradoxo para o sujeito moderno, onde se vê uma crescente queixa de sofrimento psíquico pelos indivíduos simultaneamente às melhorias de condições materiais, financeiras e de qualidade de suas vidas, da mesma forma que as auto insatisfações apresentam crescimento ao mesmo tempo em que as satisfações oferecidas pelo mercado aumentam e a sociedade se torna mais rica e poderosa (Magalhães & Silva, 2019).

Comunicação não verbal

Conforme Freitas-Magalhães em seu livro *O Código de Ekman - O Cérebro, a Face e a Emoção* (2020), comunicação não verbal se trata de toda forma de se comunicar via meios não linguísticos como, por exemplo, as expressões faciais - as quais serão nosso foco de análise. Através do estudo da fisionomia de vários tipos de pessoas (crianças, pessoas com deficiências intelectuais etc.) vivendo imersas em culturas diferentes, Charles Darwin foi precursor na identificação de uma uniformidade surpreendente na expressão de determinadas expressões faciais para exprimir estados emocionais específicos (Galvão, 2001). Também segundo Galvão (2001), essas teorizações inspiraram outros estudos sobre as expressões faciais, como os realizados pelo cientista Paul Ekman.

Ekman foi um dos idealizadores do Facing Action Code System (FACS), que se trata de um sistema de codificação de expressões faciais feito a partir da análise de uma amostra de mais de 5000 expressões faciais de adultos. Dessa forma, chegou-se a seis emoções básicas:

alegria, tristeza, raiva, nojo, surpresa e medo, as quais serão utilizadas como base para a nossa análise e serão descritas no método. É interessante pontuarmos que a emoção se trata de uma reação neuropsicofisiológica que ocorre de maneira espontânea e possui capacidade de gerar alguma ação no indivíduo como, por exemplo, uma determinada movimentação dos músculos da face (Freitas-Magalhães, 2020). Além disso, como coloca Graziano (2005, p. 28), “devemos entender as chamadas emoções positivas como sendo aquelas que favorecem a aproximação, e conseqüentemente, a convivência com o outro, enquanto que as emoções negativas fazem o contrário”.

Dessa maneira, apesar de não ser possível medir quantitativamente a felicidade na vida de um indivíduo, os estudos de Ekman descritos por Freitas-Magalhães (2020) e Silva (2006) proporcionam qualificação de tal estado de espírito através de sua descrição das expressões faciais referente a cada emoção. Nesse sentido, as expressões faciais correspondentes às seis emoções básicas serão o aspecto da comunicação não verbal utilizada neste trabalho para entendermos qual a relação entre felicidade e interações sociais apresentadas no filme em questão.

Tendo isso em vista, esse artigo tem por objetivo geral identificar a importância das interações sociais para a constituição da felicidade na vida do sujeito, a partir da observação do filme “Na Natureza Selvagem” (2007), tendo como objetivos específicos caracterizar o que é a felicidade e qual a sua importância, e discutir sobre a reflexão que a frase “a felicidade só é real quando compartilhada” (Penn, 2007) traz.

Método

Para a realização deste trabalho, analisou-se a obra cinematográfica Na “Natureza Selvagem” (2007), escrita e dirigida por Sean Penn. O filme foi assistido pelos três integrantes do grupo e nele acompanhamos a história de um jovem chamado Christopher McCandless que toma a decisão de se retirar da sociedade para viver sozinho no Alasca logo depois de concluir sua graduação. Christopher busca em meio a natureza um local longe da influência de outros seres humanos com o intuito de encontrar seu bem-estar, mas, ao invés disso, a experiência real acaba gerando reflexões inesperadas no protagonista a respeito da relação entre a sua felicidade e as suas interações sociais.

Christopher McCandless se trata de uma pessoa real e sua história foi primeiramente contada no livro do jornalista Jon Krakauer para, posteriormente, ser adaptada para os cinemas. É importante salientar que apesar do filme ser baseado em uma história real, ainda se apresenta como um filme de ficção e não biográfico, portanto, podem existir mudanças

entre o que realmente aconteceu na realidade de Christopher e o que foi representado no filme e analisado pelas autoras desta fundamentação.

Participantes

A análise do filme focou principalmente no personagem Christopher McCandless. Mas também em suas interações com alguns personagens, como: Walt e Wilhelmina, os pais de Christopher; Jan e Rainey, um casal hippie que ele encontra pela estrada; o fazendeiro Kevin; a jovem Tracy Tatro e o senhor Ron Franz.

Christopher Johnson McCandless: nascido em 12 de fevereiro de 1968, na cidade de El Segundo, Califórnia. No ano de 1976 mudou-se com a família para a Virgínia, onde cresceu. De acordo com os seus pais e professores, desde criança Chris foi considerado muito energético e apaixonado por atividades físicas. Em 1986, formou-se no W.T Woodson High School e especializou-se em história e antropologia. Chris gostava muito de ler e tinha como inspiração os escritores Jack London, Leo Tolstoy e principalmente Henry Thoreau, o qual é citado no filme. Christopher também é retratado pelo codinome de Alexander Supertramp, o qual adota após fugir. Morreu aos 24 anos dentro de um ônibus abandonado. O filme retrata principalmente cenas que ilustram seus dois últimos anos de vida.

Walt e Wilhelmina - Pais de Christopher: de acordo com as cenas e a visão apresentada por Chris sobre os seus pais, os genitores dele são pessoas que se importam consideravelmente com a opinião da sociedade ao seu redor e dão grande relevância para os bens materiais e status social.

Jan Burres e Rainey: Jan Burres é uma mulher adulta, de aparentemente quarenta anos, mãe de um menino e casada com seu parceiro Rainey, de também aparentemente quarenta anos. Eles levam juntos um estilo de vida visto como “hippie” para a sociedade, no qual moram em um trailer e levam uma vida desapegada de bens materiais.

Fazendeiro Kevin: é um homem de aparentemente quarenta anos que vive e trabalha em uma fazenda, ele possui conhecimentos aprofundados em caça e métodos de preparo da carne após a caça.

Tracy Tatro: é uma menina jovem de 16 anos que mora com seus pais em um trailer. Ela e seus pais levam um estilo de vida viajante, simples e desapegado de bens materiais. A jovem possui uma paixão por música; ela canta, toca violão e gosta de ler.

Senhor Ron Franz: é aposentado e possui uma oficina de gravações em couro na sua garagem. Ainda jovem perdeu sua esposa e filho num acidente de carro enquanto estava no exército, passando por um período em que se entregou ao vício do álcool, porém se recuperando posteriormente.

Procedimento

Para realizar a análise do filme “Na Natureza Selvagem” (2007), foram criadas pelas autoras uma categoria de comportamento mais ampla que se divide em seis subcategorias de acordo com a fundamentação teórica exposta, focando na temática da felicidade e a sua relação com as interações sociais.

Categorias de Comportamento

Comunicação não verbal: caracteriza-se por movimentos dos músculos da face que sinalizam emoções e/ou estados emocionais. As expressões faciais são uma forma de comunicação não verbal, geralmente sendo transmitidas do indivíduo para os seus observadores ou também quando sozinho (Freitas-Magalhães, 2020). As expressões faciais atuam como respostas das emoções, e entre as estudadas iremos utilizar:

Alegria: é descrita como uma emoção que está relacionada a sensação de bem-estar, ou seja, trata-se de uma emoção positiva. Ela pode ser identificada através de um franzimento horizontal da face, elevação das sobrancelhas de forma a também elevar a pele da testa, além de olhos semicerrados por conta da contração das pálpebras inferiores. O ato de sorrir é uma importante expressão da alegria. Ele é caracterizado pela curvatura da boca com a concavidade voltada para cima por meio da contração de dois diferentes músculos: orbicularis oculi e o zigomático maior (Silva, 2016).

Raiva: nenhuma emoção está tão propensa a gerar uma ação física quanto a cólera, pois ela provoca um impulso de ferir o que for identificado como o causador da sensação experimentada (Silva, 2006). Abaixar as sobrancelhas para o centro da testa e abrir bem os olhos são movimentações marcantes da cólera. Já em relação à boca, existem duas

possibilidades para a boca: fechada com os lábios fortemente apertados um contra o outro ou em um formato quadrado, expondo os dentes.

Tristeza: essa emoção engloba inúmeras sensações como a de desespero, desilusão, rejeição e de culpa. É a emoção que mais leva tempo para a pessoa superar (Silva, 2006). A tristeza é expressa através da elevação das sobrancelhas na parte central do rosto enquanto os lábios fechados fazem uma curvatura oposta à do sorriso. Além disso, é importante pontuar que, conforme Darwin citado por Fernández e Gárzon (2009) pontua, a tristeza também está relacionada com o surgimento de lágrimas.

Surpresa: é descrita por Freitas-Magalhães (2020) como a emoção mais breve de todas, pois tem duração até que o indivíduo possa identificar a causa do evento que motivou tal emoção. Logo depois de identificada essa causa, a surpresa é substituída por outra emoção. A surpresa é caracterizada por olhos arregalados, boca aberta em formato de elipse e sobrancelhas extremamente erguidas.

Medo: surge quando um indivíduo identifica uma situação de perigo. Conforme aponta Silva (2016), o medo é demonstrado através de sobrancelhas erguidas de forma integral, olhos extremamente abertos, de maneira que a parte branca fique bastante a mostra e, também, da boca aberta.

Resultados e Discussão

A presente análise foi feita a partir da observação de cenas do filme “Na Natureza Selvagem” (Penn, 2007), com a finalidade de observar a relevância ou não das interações sociais para a constituição da felicidade do sujeito. Para melhor compreensão da análise, achou-se útil, ao longo da discussão, apresentar os principais pontos da trama, a fim de melhor compreender toda a reflexão.

O filme retrata a história de um jovem chamado Christopher McCandless, que em virtude de uma infância e adolescência conturbadas e relações familiares conflituosas, após se formar, decide embarcar em um estilo de vida livre de bens materiais, vínculos familiares afetivos e ideais da sociedade convencional em que vivia, tendo como destino o Alasca. É interessante pontuar que o personagem não queria de forma alguma ser encontrado pela família ou conhecidos.

Ao longo da trama, Christopher passa cerca de dois anos “andarilhando” pela América do Norte, colecionando experiências e conhecendo pessoas com um estilo de vida diferentes, que fogem das normas da sociedade convencional a qual ele estava habituado. Nessa trajetória, ele faz amigos, como: um casal hippie de meia idade (Jan e Rainey), um fazendeiro (Kevin), uma jovem que se apaixona por ele (Tracy) e um senhor amigável que tenta o adotar como filho (Ron Franz). Mas Chris não se demora em tais relações, fugindo até mesmo de um envolvimento amoroso com a jovem Tracy pois tem como foco inalterável chegar ao Alasca e lá viver.

O jovem Christopher consegue chegar sozinho ao seu destino idealizado. Porém, ao longo das semanas vividas no Alasca, ele enfrenta vários desafios, até decidir que quer voltar à civilização. Contudo, ao não conseguir voltar e ser obrigado a continuar no Alasca, com a falta de alimentos ele acaba por se envenenar descuidadamente, e encerra sua vida com a frase “a felicidade só é real quando compartilhada” (Penn, 2007).

Revolta com a família e a sociedade capitalista

O filme inicia apresentando a revolta de Chris com a família e com a sociedade capitalista em que está inserido. Em um restaurante, logo após sua formatura, seus pais lhe oferecem um carro novo. Chris veementemente nega a oferta através da seguinte fala: “Por que um carro novo? Por que iria querer um? Datsun está ótimo. Achar que eu quero uma banheira nova? Vocês têm medo do que os vizinhos vão pensar? (...) É um ótimo carro. Eu não preciso de um carro novo, eu não quero um carro novo. Eu não quero nada. Estas coisas, coisas, coisas” (Penn, 2007). Essa fala de Christopher demonstra seu descontentamento em relação ao estilo consumista dos pais, que são apontados desde o início da narrativa e ao longo da trama como aqueles sujeitos que substituem o “ser” pelo “ter”, tal qual descreveu Magalhães e Silva (2019) em seu artigo. Nessa perspectiva, Chris está negando não somente um carro novo, mas também a moral capitalista que orientou e permanece orientando a vida inteira dos pais.

Apesar de possuírem uma vida financeira extremamente confortável, em inúmeros momentos do filme os pais de Chris são retratados como pessoas que aparentemente não são felizes - entendendo a felicidade como um estado emocional que proporciona sensações de bem-estar e prazer (Ferraz et al., 2007). Esse fato é constantemente reforçado pela narração da irmã de Chris, que em um determinado ponto é exemplificada através de uma memória de sua infância: Walt e Wilhelmina discutem com um tom de voz elevado e suas expressões faciais demonstram raiva devido as sobrancelhas franzidas, chegando ao ponto de se

agredirem fisicamente. A irmã de Chris observa tudo enquanto chora, expressando tristeza através da elevação das sobrancelhas na parte central e da curvatura da boca para baixo (Silva, 2016).

Além disso, após Chris desaparecer sem nunca mais dar notícias aos pais, recortes do filme mostram os genitores desolados, preocupados, tristes e chorando devido ao enigmático paradeiro do filho, demonstrando assim a categoria de tristeza (elevação das sobrancelhas na parte central do rosto, lábios fechados fazem uma curvatura oposta à do sorriso e surgimento de lágrimas). Nesse sentido, como visto nos estudos e pesquisas sobre a felicidade, o dinheiro em si não é o responsável e causador direto da emoção e/ou estado de espírito mencionado (Diener & Biswas-Diener, 2002 como citado em Passareli & Silva, 2007). Portanto, nesse momento em que, mesmo com muito dinheiro os pais se veem perdidos devido ao abandono do filho, é reforçada a não relação entre ter muito dinheiro e sentir-se feliz.

Ademais, Christopher, em outras cenas para além dessa em que nega o carro novo ofertado pelos pais, demonstra novamente insatisfação em relação à vida materialista que eles vivem. Antes de “desaparecer” da vida de seus familiares, Chris decide doar todo o dinheiro ganho dos pais para uma instituição caridosa (ficando apenas com uma pequena quantia para mantimentos) como num ato de revolta contra aquilo que os seus pais tanto prezavam: o capital. Posteriormente, em determinado momento do filme, ele decide queimar os últimos dólares que carregava consigo e seguir o seu caminho sem nada, apenas com sua mochila e a boa sorte, aniquilando a última sensação de garantia financeira que tinha. Ainda, em uma cena de Chris no Alasca, em que está conversando consigo mesmo, ele diz: “Dinheiro, poder, é uma ilusão. Está na cabeça” (Penn, 2007).

Seguindo a lógica apresentada, o fato de Chris abandonar a sociedade e a rotina em que vivia para se aventurar no incerto, fala sobre a sua revolta com a sociedade e o meio social em que vivia (no filme representado especialmente pela família). A cena de Chris bebendo com um fazendeiro no bar demonstra exatamente essa revolta. Ele conta empolgado ao fazendeiro que está focado em ir ao Alasca para viver na natureza e sozinho - sua narrativa é extremamente empolgada e expansiva, levantando os braços, arregalando os olhos e com um tom de voz alto. Então, ele diz que ao voltar do Alasca, poderá escrever um livro sobre “como sair dessa sociedade doente” (Penn, 2007), repetindo diversas vezes a palavra “sociedade”, cada vez em um tom de voz mais alto e franzindo as sobrancelhas ao mesmo tempo, até que ele e o fazendeiro estão gritando a palavra “sociedade”, demonstrando raiva de acordo com os estudos de Silva (2016).

Chris continua seu desabafo no bar com a mesma energia e exaltação, dizendo: “Sabe o que eu não consigo entender? Não entendo por que as pessoas, todas as pessoas, são tão más umas com as outras, frequentemente. Não faz sentido para mim. Julgamento. Controle. Todo esse ponto de vista” (Penn, 2007). Por sua vez, o fazendeiro o questiona, franzindo o cenho: “de que “pessoas” estamos falando?” (Penn, 2007) ao que Chris responde: “Pais, hipócritas, políticos, porcos” (Penn, 2007). Através dessa cena, evidencia-se a insatisfação de Chris com os seus pais e a sociedade como um todo. Além disso, nessa cena é possível observar sua crença de que ao se isolar da sociedade e da família indo para o Alasca, ele será mais feliz.

Portanto, demonstrando o que Magalhães e Silva (2019) trouxeram, a felicidade para os pais de Chris se manifesta de maneira paradoxal, pelo fato de que eles consomem e ostentam de forma exacerbada com o objetivo de construir uma vida feliz, por acreditarem no conceito de felicidade disseminado pela lógica capitalista pós-moderna, mas ao mesmo tempo se mostram insatisfeitos e infelizes em suas vidas, como pode ser percebido através da análise das cenas em relação às categorias comportamentais definidas pelas autoras. Essa lógica pós-moderna da substituição do “ser” pelo “ter”, como Magalhães e Silva colocam (2019), se manifesta na vida de Walt e Wilhelmina e é justamente o que Chris discorda e repudia no modo de viver de seus pais. Como observado no filme, ele vai para sua aventura no Alasca com o objetivo de se livrar de todos os “ter” presentes em sua vida, a fim de desvendar e compreender o seu “ser” no mundo, buscando entender qual a fonte próspera de felicidade para si.

Experimentando novas interações

Após Chris fugir da família e do sistema em que vivia, ele embarca em sua aventura sozinho, rumo ao Alasca. Durante a jornada, conhece diferentes pessoas e experimenta novas formas de interação. A primeira interação de Chris se dá logo após perder o seu carro: ao pedir carona em uma estrada, o casal Jan e Rainey o atende e eles seguem viagem juntos.

Em uma determinada cena, é mostrado Chris interagindo com o casal na praia. Ele e Jan decidem tomar um banho de mar juntos - nesse momento tanto Chris quanto Jan levantam os braços constantemente em sinal de empolgação e brincam jogando água um no outro, enquanto sorriem. De acordo com a perspectiva de Silva (2016), essa cena demonstra um momento de alegria entre os dois, em virtude do contexto e das expressões faciais observadas (franzimento horizontal da face, elevação das sobrancelhas de forma a também elevar a pele da testa, olhos semicerrados por conta da contração das pálpebras inferiores),

como o sorriso (caracterizado pela curvatura da boca com a concavidade voltada para cima). Nesse sentido, como coloca Ferraz et al. (2007), vivenciar a alegria pode proporcionar felicidade ao sujeito. Por fim, Chris passa a noite acampado na praia junto ao casal. Porém, no dia seguinte, ao acordarem, percebem que o jovem já foi embora, se despedindo apenas com um recado na areia.

Outras cenas do filme mostram novamente Chris conhecendo diferentes pessoas, interagindo com elas e tendo momentos de alegria e, após um determinado tempo, deixando para trás os contextos sociais que fazia parte com o objetivo de ir para o Alasca viver sozinho, junto apenas da natureza selvagem. Chris demonstra ter consciência que está vivendo momentos felizes junto daquelas pessoas, mas o ideal de felicidade que construiu em relação a viver sozinho no Alasca o impulsiona a sempre ir embora antes de se aprofundar em tais relações. Dessa forma, é válido mencionar algumas cenas do filme a fim de evidenciar os momentos alegres vividos por Chris através das interações com outras pessoas, para posteriormente relacionar com as cenas em que ele é mostrado sozinho no Alasca, nas quais geralmente é retratado expressando raiva, medo e tristeza, de acordo com a análise feita a partir das conceitualizações de Silva (2016).

Seguindo o exposto, quatro meses antes de chegar ao Alasca e após viver diversas experiências, Chris é mostrado reencontrando o casal Jan e Rainey em uma comunidade pequena com vários trailers. Ao reencontrar o casal, especificamente Jan, Chris dá um largo sorriso, mostrando-se muito feliz com o reencontro. Jan, ao se deparar com Chris, mostra-se surpreendida, pois como coloca Freitas-Magalhães (2020), a emoção de surpresa pode ser observada através dos olhos arregalados e da boca aberta em formato de elipse. Em seguida, Jan demonstra que aquela surpresa teve significado positivo e alegre para ela, ao dar um sorriso, levantar os seus braços e abraçar Chris calorosamente, ao que ele corresponde. Dessa forma, essa cena evidencia a existência de um laço afetivo entre os dois e a construção de um momento feliz na vida dos sujeitos, visto que, de acordo com Passareli e Silva (2007), participar de grupos sociais favorece significativamente no desenvolvimento da felicidade.

Após reencontrar Jan e Rainey, Chris é mostrado na trama morando com o casal no trailer. Em uma determinada cena, Chris conhece Tracy, uma jovem menina que reside na mesma vila com seus pais. Esse momento é marcado por trocas de palavras e sorrisos entre os dois, mostrando-os alegres com a interação, de acordo com a definição de Silva (2016) para a alegria. Posteriormente, os dois são mostrados passeando por um museu a céu aberto, junto do senhor que criou e desenvolveu o local; eles conversam e sorriem na maioria do tempo, dando gargalhadas. Por fim, ao retornar do passeio, Chris e Tracy são retratados novamente

conversando e sorrindo, demonstrando um estado de bem-estar e prazer, constituintes do sentimento de felicidade de acordo com Ferraz et al. (2007) e Graziano (2005).

Ademais, os dois jovens são mostrados em outras cenas interagindo, sendo que em uma delas Tracy é retratada extremamente apaixonada por Chris, desejando ter um envolvimento amoroso com o personagem. Chris nega a relação sexual dizendo que ela é muito nova para ele e então a convida para uma apresentação musical em conjunto. Durante a apresentação, os dois são mostrados cantando e tocando juntos, enquanto sorriem e trocam intensos olhares, aparentando novamente uma sensação de prazer (Ferraz et al., 2007). Contudo, ao analisar a trama, supõem-se que o fato de Chris negar um envolvimento amoroso com Tracy talvez esteja mais relacionado à sua incessante busca por se isolar da sociedade indo para o Alasca, do que ao fato dela realmente ser mais nova, pois, de acordo com as cenas, ele aparenta gostar muito da jovem, como pode ser percebido através das cenas em que ele demonstra estar alegre (franzimento horizontal da face, elevação das sobrancelhas de forma a também elevar a pele da testa, olhos semicerrados por conta da contração das pálpebras inferiores e curvatura da boca) quando na companhia dela.

Após algum tempo convivendo com Jan, Rainey, Tracy e outras pessoas do vilarejo de trailers, Chris decide seguir sua jornada sozinho. Ele se despede de Tracy dizendo que ela é “bastante mágica” (Penn, 2007) e dá seu endereço para a moça enviar cartas quando ele retornar do Alasca. Algum tempo após isso ele conhece o senhor Ron Franz, com o qual também é mostrado tendo diversas interações conversando, sorrindo, gargalhando e até mesmo se emocionando com a beleza de um pôr do sol em determinada cena. Dessa forma, novamente é evidenciado momentos que se enquadram na categoria de alegria, que ocorre conjuntamente com sensações de bem-estar e prazer através das relações que Chris experimenta, sugerindo assim a constituição da sua felicidade relacionada com as interações sociais que vivencia, como aponta Passareli e Silva (2007).

A partir de toda a análise abordada acima, é visível que Chris se manifesta alegre quando está acompanhado de outras pessoas, pois ele sorri e gargalha na maioria do tempo em que está convivendo com os sujeitos. Além disso, não são apresentadas cenas com interações sociais que geram sentimentos negativos desde que ele fugiu da sociedade em que vivia. Demonstrando assim, diversas sensações de bem-estar e emoções positivas nesse período em que estava viajando pela estrada, rumo ao Alasca, observadas através das expressões faciais (Silva, 2016). Portanto, em todas as cenas que Chris é apresentado interagindo com outros indivíduos (excluindo as cenas com os seus pais) ele aparenta estar feliz, visto que a felicidade está atrelada à alegria e ao bem-estar, proporcionadas muitas

vezes através das interações sociais e grupos, como coloca Harari (2015), Ferraz et al. (2007), Passareli e Silva (2007) e Diener e Seligman (2004). Ainda, é válido lembrar que boa parte dessas pessoas que Chris encontra e compartilha momentos felizes na sua trajetória até chegar ao Alasca possuem um estilo de vida que foge da lógica capitalista, diferentemente de seus pais e do contexto social em que inicialmente estava inserido.

Por último, é importante colocar que em um dado momento da trajetória de Christopher, ele viaja para o interior e começa a trabalhar para um fazendeiro chamado Wayne. Ao ser questionado por Chris sobre livros que ensinassem a caçar, Wayne menciona que seu amigo Kevin pode ensiná-lo tudo sobre o assunto. Dessa forma, Chris vai atrás de Kevin e anota as informações que lhe são repassadas sobre caça para utilizá-las posteriormente no Alasca. Nessa situação, podemos perceber que Chris necessitou recorrer a conhecimentos construídos de forma sócio-histórica para viabilizar sua vivência em um lugar tão inóspito quanto o Alasca. Isso se deve ao fato de que, como aponta Vygotsky citado por Oliveira (1993), o ser humano se desenvolve e obtém os conhecimentos necessários para a sobrevivência através das interações. Nesse sentido, apesar de Chris realmente ter ido sozinho ao Alasca, ele carregava consigo uma gama enorme de aprendizados que jamais poderiam ter sido apreendidos individualmente, sem o contato com o outro.

O preço de viver sozinho

O jovem Christopher, após experimentar muitas aventuras e conhecer diferentes pessoas com as quais desenvolveu uma certa ligação emocional, finalmente chega ao Alasca. O filme o retrata inicialmente emocionado com a beleza da natureza em que se encontra, aparentemente feliz e satisfeito (como pode ser demonstrado por suas expressões faciais de alegria) por ter finalmente alcançado seu objeto de desejo. É importante mencionar que ao chegar, ele atravessa um rio caminhando e em seguida encontra um ônibus abandonado, fazendo dele seu abrigo por todo o período em que esteve no Alasca.

A segunda cena apresentando Chris no Alasca, mostra o personagem escrevendo em seu diário que o dia não teve diversão. Logo após isso, é mostrado um saco de arroz quase no fim que Chris levou com o objetivo de se alimentar, e ele fazendo mais um furo no cinto da sua calça, pois já estava emagrecendo. Ainda, uma cena interessante mostra um início de preocupação (que pode se enquadrar na categoria de medo, por apresentar as expressões faciais de sobrancelhas erguidas de forma integral, olhos extremamente abertos, de maneira que a parte branca fique bastante a mostra e, também, da boca aberta) por parte do personagem, pelo fato de estar ali sozinho. Enquanto Chris se encara em um espelho, ele diz:

“Você pode fazer qualquer coisa. Você pode ir a qualquer lugar. Dinheiro, poder, é uma ilusão. Está na cabeça. Você pode ficar aqui. Eu e você.” (Penn, 2007).

Seguindo a trama, em uma determinada cena de Chris no Alasca, ele é mostrado matando um alce de grande porte, e posteriormente carneando-o para assar e comer. Porém, não obtém sucesso na ação e demonstra sofrer, ficando extremamente triste pelo ocorrido (como foi demonstrado através de expressões faciais de desilusão, rejeição e de culpa, assim como elevação das sobrancelhas na parte central do rosto, lábios fechados fazem uma curvatura oposta à do sorriso). Ele escreve em seu diário: “Uma das maiores tragédias da minha vida” (Penn, 2007). Nesse sentido, é possível observar que apesar dos conhecimentos adquiridos por Chris sobre caça e preparação de carne, o fato dele encontrar-se sozinho em tal situação dificultou e atrapalhou o processo. Dessa forma, percebe-se a grande importância do grupo no aspecto de sobrevivência da vida humana, ainda mais em um contexto como o de natureza selvagem em que Chris vivia. E como coloca Harari em seu livro *Sapiens* (2015), desde o início da civilização o ser humano caçador-coletor andava em grupo a fim de garantir sua sobrevivência e perpetuar a espécie.

Após esse trágico momento na vida de Chris, já haviam passado nove semanas da sua chegada ao Alasca. O filme mostra então, a cena em que Chris decide voltar para a civilização. Ele lê um trecho do livro “*Family Happiness and Other Stories*” de Liev Tolstói em voz alta:

“Já vivi muito, agora acho que encontrei o que é preciso para a felicidade. Uma vida de isolamento no campo, com a possibilidade de ser útil para quem é fácil fazer o bem e que não estão acostumadas a que o façam por elas. E trabalho que esperamos que seja de alguma utilidade. Depois, o descanso. A natureza, os livros, a música, o amor pelo próximo. Tal é minha ideia de felicidade.” (Penn, 2007).

Em seguida, Chris é mostrado tomando banho e recolhendo todos os seus pertences a fim de deixar o Alasca para voltar e reencontrar os amigos feitos em sua caminhada. Nesse sentido, é interessante ressaltar que, como coloca Harari (2015) e Graziano (2005), a felicidade para um sujeito está ligada a forma que ele interpreta a realidade, sendo influenciado por suas predisposições psicológicas e, somado a isso, a teoria vygotskyana diz que o ser humano se constitui através da interação com o outro, mediado pela cultura e seus signos. Ou seja, Chris, ao ler um autor falando sobre o significado da felicidade para si (um componente da cultura) percebe que para ele tal conceituação também tem sentido, mudando assim todo o significado que ele vinha dando para a constituição da sua felicidade, decidindo por fim voltar à sociedade.

Então, após chegar a essas conclusões e decidir voltar para a civilização, Chris junta seus pertences e segue em direção ao caminho de volta à cidade, porém ele é surpreendido em certo ponto da trilha. Ao chegar no rio em que atravessou em sua vinda e que tinha pouco volume de água, Chris é surpreendido, pois o volume de água havia aumentado de forma significativa. O personagem ainda tenta atravessar o rio, mesmo ele se mostrando muito perigoso e com uma forte correnteza, porém não obtém sucesso, sendo obrigado a retornar ao local na floresta onde estava morando e se desfazer do seu objetivo de voltar à cidade. Posterior a isso, cenas de Chris novamente isolado e sozinho são exibidas, analisando o personagem nesse momento nota-se uma mudança significativa quanto aos seus comportamentos, expressões faciais e emoções, comparado aos momentos anteriores em que se mostrava alegre e feliz, desde que fugiu de sua cidade e de sua família.

Em uma dessas cenas mencionadas acima, Chris aparece no meio de um campo no Alasca sozinho e com uma espingarda na mão. Ele atira para cima várias vezes, faz movimentos bruscos com os braços e pisa forte com os pés no chão, simultaneamente ele grita com muita intensidade olhando para o céu: “onde estão os malditos animais? Estou com fome. Estou morrendo de fome. Morrendo de fome” (Penn, 2007). Ele anda de um lado para o outro e em seguida dos gritos ele se joga no chão. Segundo Silva (2016), a raiva é uma emoção que gera ações físicas impulsivas e a tristeza é uma emoção relacionada à sensação de desespero, tendo isso em vista, todas essas ações anteriormente citadas desempenhadas por Chris demonstram a raiva e a tristeza sentidas por ele na situação desesperadora que vivia, em que estava passando fome e não possuía mais condições de se manter vivo naquele local sozinho, por estar cada vez mais fraco.

Cenas seguintes mostram Chris aparentemente mais magro do que antes, pelo fato de estar sem se alimentar por um tempo, e cada vez mais atordoado. Ele procura alguma solução para a fome que está sentindo e então pega um livro sobre plantas que trouxe consigo na viagem e busca nele informações sobre plantas comestíveis para se alimentar. Chris sai pelo território em busca de alguma planta descrita nesse livro e encontra uma chamada “raiz de batata silvestre”. Ele se alimenta dessas raízes, porém no dia seguinte aparece passando muito mal. As raízes que Chris comeu eram na verdade uma planta venenosa que se assemelha com a aparência da “raiz de batata silvestre”; assim o personagem acaba se envenenando por confundir as duas plantas.

Nesse contexto descrito acima, é exibido uma cena de Chris passando mal, por causa do envenenamento, e se arrastando no chão do ônibus abandonado que morava até alcançar seu livro sobre plantas. Ele pega o livro na mão e descobre que se alimentou da planta errada,

em seguida ele começa a chorar intensamente e tenta forçar um vômito com seus dedos, logo depois ele se deita no chão e grita de dor. Nesse momento, o personagem vive uma situação indesejada acarretada por seu insucesso no plano de retorno à sua vida em sociedade e que pode ser enquadrada nas categorias de medo, raiva e tristeza simultaneamente (como pode ser observado por suas expressões faciais).

De acordo com Silva (2006), a tristeza é evidenciada pelos lábios fechados fazendo uma curvatura oposta à do sorriso e, de acordo com Darwin citado por Fernández e Gárzon (2009), é também evidenciada pelo choro. Já a raiva é evidenciada pelos olhos arregalados e lábios em formato quadrado expondo os dentes, segundo Silva (2006). A partir disso e das cenas anteriormente descritas, conclui-se que Chris se mostra triste, com medo e com raiva em todo o período que está vivendo isolado e sozinho de novo no Alasca (depois de sua tentativa falha de retorno), pelo fato de que ele apresenta todas as expressões faciais citadas acima. O personagem vive ali momentos desafiadores de dor e sofrimento e os vive de forma solitária, o que dificulta ainda mais a situação. Todas essas emoções e estados afetivos demonstrados por Chris em seus comportamentos são fatores que acabam por diminuir o nível de felicidade do sujeito (Ferraz et al., 2007, p. 236). Nesse sentido, ao observarmos tais cenas, evidencia-se de acordo com a literatura que, nesse momento em que Chris vivia situações desafiadoras gerando emoções negativas, seu nível de felicidade diminuiu.

Ao retomarmos o que foi anteriormente colocado na fundamentação teórica, podemos lembrar a importância das relações sociais e da vida em grupo de acordo com alguns estudos e pesquisas. Ferraz et al., (2007) evidenciam que os religiosos, por participarem de inúmeras vivências em grupo e rituais, com aqueles em que compartilham da mesma crença, tendem a se sentir menos solitários, e conseqüentemente mais felizes. Seguindo essa linha de pensamento, Harari (2015) também traz que as pessoas são significativamente mais felizes ao viverem em famílias coesas e comunidades unidas. Os pesquisadores Diener e Seligman (2004, como citado em Passareli e Silva, 2007), em seus estudos experimentais, constataram que um indivíduo tem perdas emocionais significativas quando não está inserido em algum grupo social. Portanto, analisando a vivência prolongada de Chris sozinho no Alasca, a infelicidade do personagem, desencadeada pela tristeza, raiva e medo sentidos por ele, demonstra relação com sua experiência de solidão, de isolamento da sociedade e afastamento da vida em comunidade, pois até para conseguir construir um entendimento e alguma significação sobre todas as emoções que estava sentindo, Chris precisava do contato com outros seres humanos (Vygotsky, 1991).

Considerações Finais

Com base em todas as observações anteriormente feitas, juntamente com a pesquisa teórica realizada, podemos evidenciar que Chris demonstrou vivenciar mais momentos alegres em sua trajetória até chegar ao Alasca do que quando atingiu o seu objetivo de ficar sozinho na natureza. Além disso, ele próprio faz a seguinte conclusão: “a felicidade só é real quando compartilhada”.

Dessa forma, acreditamos que Chris fez uma generalização precipitada ao relacionar seu mal-estar perante sua vida ao fato de viver em sociedade e família. De acordo com a visão das autoras do presente artigo, o que estava por trás de toda a sua busca em viver sozinho, longe da influência de outras pessoas, era sua insatisfação em relação a elementos da cultura capitalista, os quais seus progenitores reproduziam. Em outras palavras, Chris utilizou suas críticas em relação às suas experiências dentro de um meio social específico para classificar o meio social como um todo, como algo que não valesse a pena ser vivenciado, ou seja, como algo dispensável para a sua vida.

A partir do momento que Chris inicia sua trajetória para chegar até o Alasca, ele interage com pessoas que vivem vidas alternativas, ou seja, que não reproduzem a lógica capitalista hegemônica tão presente na vida dos seus pais. Por conta disso, sua forma de interagir com esses indivíduos é diferente, o que lhe proporciona muitos momentos alegres. Apesar disso, Chris foi desconstruir a ideia de que alcançaria um bem-estar subjetivo ao se isolar apenas quando já estava sozinho, ao chegar no Alasca e experimentar realmente o vazio da solidão e as dificuldades práticas na hora de prover sua sobrevivência.

Nessa perspectiva, percebemos que a obra analisada está de acordo com os elementos trazidos na fundamentação teórica sobre a importância da interação social para a constituição da felicidade. Em contrapartida, é importante salientar que, apesar de se tratar de uma história baseada em um acontecimento real, ainda assim é uma obra fictícia. Por conta disso, não é possível tomarmos nossas conclusões a respeito do que é mostrado no filme como uma evidência científica. O que realmente pudemos evidenciar com esse artigo foi o fato de haver poucas pesquisas sobre os ditos “sentimentos positivos”, visto que a psicologia tradicional tem um foco maior de estudo sobre aqueles sentimentos que causam mal-estar. Dessa forma, acreditamos que a felicidade seja um tema importante a ser pesquisado em estudos futuros, principalmente considerando a relevância das relações sociais e da influência do meio social

Referências Bibliográficas

- Amatuzzi, M. M. (2006). A subjetividade e sua pesquisa. *Memorandum: Memória e História em Psicologia*, 10, 93-97.
- Fernández, A. V., & Garzón, Y. H. R. (2009). Neuropsicología de las emociones: el aporte de Charles Darwin. *Cuadernos de Neuropsicología/Panamerican Journal of Neuropsychology*, 3(2), 225-233.
- Ferraz, R. B., Tavares, H., & Zilberman, M. L. (2007). Felicidade: uma revisão. *Revista Psiquiatria Clínica*, 34(5), 234-242.
- Ferreira, B. C., & Del Prette, Z. A. P. (2013). Programa de expressividade facial de emoções e habilidades sociais de crianças deficientes visuais e videntes. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 26(2), 327-338.
- Freitas-Magalhães, A. (2020). *O Código de Ekman - O Cérebro, a Face e a Emoção*. Leya.
- Galvão, I. (2001). Expressividade e emoção: ampliando o olhar sobre as interações sociais. *Revista Paulista de Educação Física*, (4), 15-31.
- Graziano, L. D. (2005). *A felicidade revisitada: um estudo sobre o bem-estar-subjetivo na visão da psicologia positiva* [Tese de Doutorado. Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo. Departamento de Psicologia da Aprendizagem e do Desenvolvimento Humano].
- Harari, Y. N. (2015). *Sapiens - Uma breve história da humanidade*. L&PM Editores.
- Inada, J. F. (2011). Felicidade e mal-estar na civilização. *Revista Digital AdVerbum*, 6(1), 74-88.
- Magalhães, J. D. S. & Silva, M. M. (2019). *A felicidade como exigência pós-moderna e o sujeito como resto* [Trabalho de Conclusão do Curso de Especialização em Fundamentos da Psicanálise. Fundação Educacional de Lavras].

Oliveira, M.K. (1993). Vygotsky. São Paulo: Scipione.

Passareli, P. M., & Silva, J. A. (2007). Psicologia positiva e o estudo do bem-estar subjetivo. *Estudos de Psicologia, 24*(4), 513-517.

Penn, S. (2007). Na Natureza Selvagem [Filme]. Paramount Vintage.

Rossetto, E., & Brabo, G. (2009). A constituição do sujeito e a subjetividade a partir de Vygotsky: algumas reflexões. *Travessias, 3*(1).

Silva, M. M. D. (2016). *A expressão facial das emoções básicas em personagens de animação 3D*. [Dissertação de Mestrado, Universidade Federal de Santa Catarina].

Vygotsky, L. S. (1991). Aprendizagem e desenvolvimento intelectual na idade escolar. *Psicologia e pedagogia*. São Paulo: Moraes.